

Museu Eugênio Teixeira Leal realiza Colóquio Canudos: o massacre de Belo Monte

Durante o evento, foi lançado o livro Como se faz um deserto? Semiosferas do Bioma Caatinga, de Licia Soares de Souza. Prefácio de Taurino Araújo



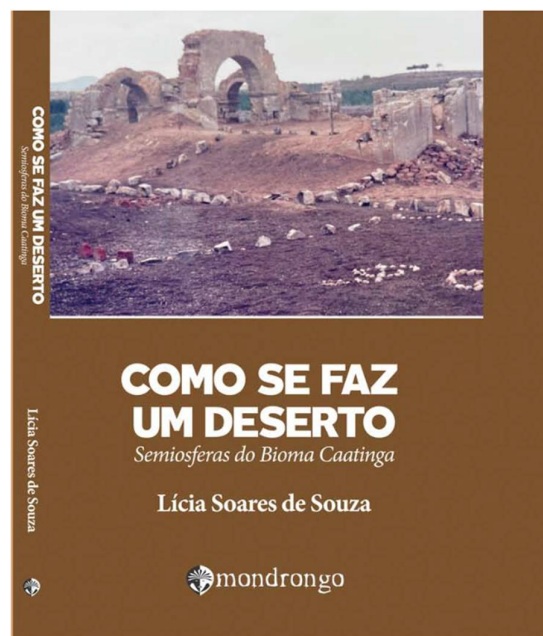
Juan Ignacio Azpeitia, Lícia Soares de Souza e Aleilton Fonseca, presidente da Academia de Letras da Bahia integrando a mesa do Colóquio Canudos, o massacre de Belo Monte, realizado no Museu Eugênio Teixeira Leal, sábado último. Durante o evento, foi lançado o livro Como se faz um deserto? Semiosferas do Bioma Caatinga, de Licia Soares de Souza. Prefácio de Taurino Araújo



Taurino Araújo assina o prefácio do livro Como se faz um deserto. Colóquio Canudos, o massacre de Belo Monte integrou o lançamento realizado sábado último, com a participação de Aleilton Fonseca - Foto: Divulgação

Lançamento anima Colóquio sobre Canudos no Museu Eugênio Teixeira Leal, em Salvador.

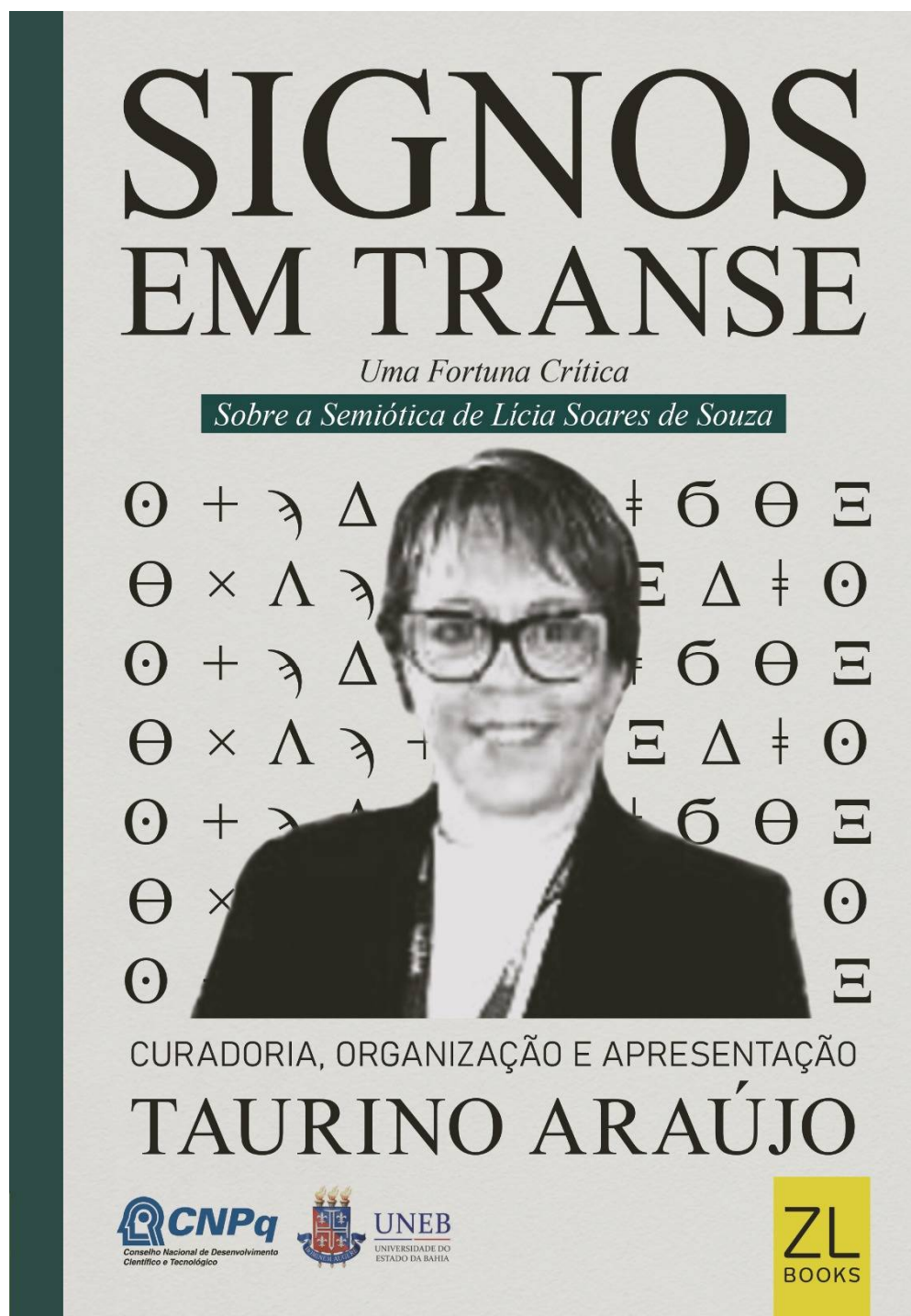
O livro Como se faz um deserto? Semiosferas do Bioma Caatinga, de Licia Soares de Souza foi lançado dia 13 de junho, 18 h, no Museu Eugênio Teixeira Leal.



A obra é uma jornada arquetípica entre juazeiros, mulungus, umbuzeiros, cajueiros, mandacarus e juremas para mergulharmos fundo nas raízes da Civilização Brasileira à luz pioneira da autora e de Euclides da Cunha. Prefácio de **Taurino Araújo**.

Na sequência, houve o Colóquio Canudos, o massacre de Belo Monte, com a participação de **Aleilton Fonseca**, presidente da Academia de Letras da Bahia, **Lícia Soares de Souza** e **Juan Ignacio Azpeitia**, autor de Espelhos de Canudos na guerra de Vargas Llosa e do inédito Canudos-Tomochic: relatos de resistência e sublevação na América Latina (no prelo pela EdUEFS).

Além de autor do prefácio do livro Como se faz um deserto, **Taurino** também o curador, organizador e apresentador do clássico *Signos em Transe: uma Fortuna Crítica sobre a Semiótica de Lícia Soares de Souza*, **ZL Books, Rio de Janeiro: 2025**, descrito pelos especialistas como o maior levantamento etnográfico e semiológico realizado na Bahia nos últimos 50 anos.



Obra assume caráter etnográfico e coletivo

O projeto editorial de **Signos em Transe** contou com o apoio institucional do **CNPq** e da **Universidade do Estado da Bahia (Uneb)**, propõe uma leitura transdisciplinar da obra de **Lícia Soares de Souza**, doutora em Semiótica pela **Université du Québec à Montréal**, onde atualmente atua como professora associada. É professora fundadora da UNEB (onde é professora emérita) e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Ufba. Tem vasta produção acadêmica e literária em temas como semiótica da cultura, narrativas televisivas, fílmicas e literárias. Dentre suas obras destacam-se *Introdução às Teorias Semióticas (Vozes)*, **Représentation et Idéologie (Balzac, Montreal)** e **Figures spatiales de Montréal (2019)**. Publicou em antologias poéticas em português, francês e alemão, além de romances. Em 2025, venceu o **Prêmio Clarice Lispector** com o romance distópico **Quando as traças criaram asas**.

Mais do que uma homenagem pessoal, *Signos em Transe* é descrito por especialistas como **o maior levantamento etnográfico e semiológico realizado na Bahia nas últimas cinco décadas**. A coletânea articula elementos **biográficos e etnográficos**, destacando não apenas a trajetória da homenageada, mas também os **impactos institucionais, culturais e epistemológicos** de sua atuação acadêmica em universidades como **Uneb, Ufba, Uefs, Uesb**, e instituições internacionais como **Université du Québec à Montréal (UQAM), Université Laval, Universidade de Kassel e Universidade de Saarlandes**.

Participações de nomes relevantes no campo das ciências humanas

Entre os autores que contribuem com textos críticos estão pesquisadores consagrados como **Winfried Nöth**, **Berthold Zilly**, **Cyro de Mattos**, **Taurino Araújo**, **Zila Bernd**, **Luiz Eudes**, **Bernard Andrès**, **Claire Varin**, **Ricardo Justo**, **Jean-François Côté**, **Emiliano José**, **Louise Duprè**, **Calmon Teixeira** e **Suênio Lucena**.



Retrato de Euclides da Cunha — 1944

Os ensaios de **Signos em Transe** abordam desde fundamentos da semiótica até aplicações contemporâneas estabelecendo conexões entre a semiótica e áreas como literatura, linguística, comunicação, ensino de línguas, francofonia, crítica cultural, arte e história em um campo dominado por desafios e complexidades, “desde 1- Semiótica/Semiologia até 6 - Comunicação Social, aqui, o leitor encontrará também relevantes enfoques sobre 2- ensino de francês e estudos canadenses; 3- poesia canadense francófona; 4- literatura e cinema brasileiros e a sua 5- Geopoética e literatura do ciclo canadense em torno do nuclear fundante de **EUCLIDES DA CUNHA**”.



Lúcia Soares de Souza (ao centro) em tarde de autógrafos no Museu Eugênio Teixeira Leal.

O **Colóquio Canudos, o massacre de Belo Monte**, abriu o encontro de forma vibrante, seguido de um painel sobre o

massacre de Belo Monte com a participação de Aleilton Fonseca, presidente da Academia de Letras da Bahia.

Publicado pela Editora Mondrongo, **Como se faz um Deserto** apresenta uma nova visão sobre a chamada “Guerra” de Canudos — que a autora prefere nomear com mais precisão como massacre — ao investigar suas raízes na colonização, na destruição ambiental e na manutenção das desigualdades no Brasil.

“A literatura, em especial do **Ciclo Canudiano**, é importante para ver que existe uma dupla fratura que mostra muita separação nas abordagens que visam a questão ecológica e a questão colonial”. A obra introduz também o conceito de “Sertãocono” como contraponto ao Antropoceno, afastando a ideia de uma culpa universal pela crise planetária e apontando o colonizador — letrado, abastado e dominante — como o principal responsável pela devastação de ecossistemas, culturas e modos de vida originais.

Lícia Soares de Souza expande a noção de caatinga para além do bioma: ela a vê como uma semiosfera, um espaço simbólico e narrativo onde se desenrolam resistências, disputas e tentativas de silenciamento. Ao revisitar **Os Sertões**, a autora valoriza o papel de **Euclides da Cunha** como pioneiro nessa narrativa:

“O escritor **Euclides da Cunha** fez uma obra de fundação, que fez outros autores falarem sobre Canudos, cujo massacre ficaria totalmente apagado e desconhecido, se não fosse ele”

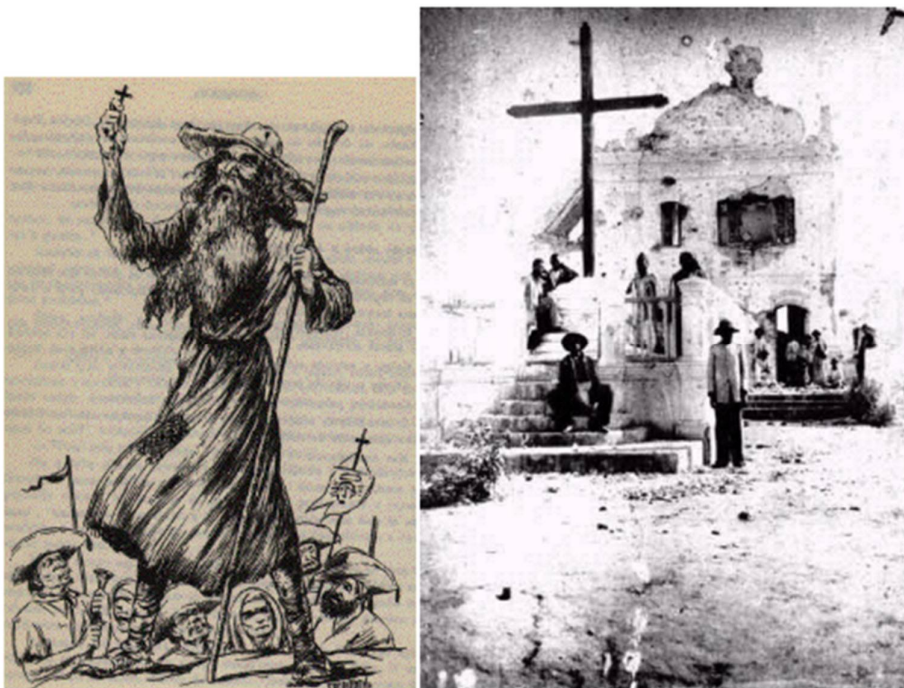
Na ótica de Lícia, a literatura converteu um episódio histórico em “uma metáfora gigantesca do que é nosso país”: um território de abismos sociais que legitima formas desumanas de exploração de grupos mais frágeis.

Além da análise do ciclo literário de Canudos — abrangendo nomes como **Vargas Llosa**, **J. J. Veiga**, **Júlio Chiavenato**,

Oleone Fontes e Aleilton Fonseca —, Lícia celebra o espírito coletivo e solidário do arraial de Belo Monte e faz uma crítica contundente ao legado colonial ainda presente na estrutura brasileira:

“Os leitores deste livro vão encontrar bases suficientes para a compreensão deste acontecimento bastante importante na história do Brasil, via a literatura”

O lançamento e o Colóquio ganharam um viés formativo e político, na tentativa de impactar estudos acadêmicos e a mentalidade das elites:



Bom Jesus Antônio Conselheiro e Guerra de Canudos — Flávio de Barros, 1897.

“Espero com o lançamento contribuir com os estudos que a Uneb tem desenvolvido sobre o tema, e poder colaborar um pouco para mudar a percepção que as classes dominantes no país têm sobre os vulneráveis e subalternos”
“Gostaria de engrossar as fileiras daqueles que clamam por justiça, por repartição da riqueza nacional. Gostaria de modificar a imagem que o país tem de Conselheiro como beato fanático, e pudesse percebê-lo como um guia, um líder que

implantou uma sociedade com objetivos igualitários, com a mentalidade da partilha, da divisão”



Retrato de Taurino Araújo — 2025. Curador de Signos em Transe, autor do prefácio de Como se faz um deserto e do clássico Hermenêutica da Desigualdade: uma introdução às Ciências Jurídicas e também Sociais. Del Rey, Belo Horizonte: 2019.



Juan Ignacio Azpeitia, Lícia Soares de Souza e Aleilton Fonseca, presidente da Academia de Letras da Bahia e autor de O Pêndulo de Euclides, integrando a mesa do Colóquio Canudos, o massacre de Belo Monte, realizado no Museu Eugênio Teixeira Leal, sábado último.

Posfácio de José Prudêncio Silva arremata a relevância acadêmica e de Lícia Soares de Souza e o caráter fundante de sua produção intelectual.

Lícia Soares de Souza: a menina que ganhou o mundo e as suas investigações em semiótica para o mundo da T.I.

JOSÉ PRUDENCIO SILVA¹

O conhecedor é, inevitavelmente, também parte do conhecido.

JOHN DEWEY

Meus sinceros cumprimentos, Comendadora LICIA SOARES DE SOUZA, Emérita da Universidade da Bahia. Seu exemplo icônico é um farol para a Civilização Brasileira sonhada por TAURINO ARAÚJO: a menina que ganhou o mundo!

Permita-me adentrar em seu vasto mundo intelectual e humano, tendo em vista o que seu infradireito e as correlações com a Tecnologia da Informação (T.I.) podem sinalizar. Aperte o cinto, eis que as suas contribuições no campo da memória coletiva nos levarão longe e nos trarão perto do Brasil grandioso pelo qual a homenageada tanto luta e sonha.

Pioneira qual Euclides

Eu sou sertanejo do Ceará e vivi a infância no sertão da Bahia. EUCLIDES DA CUNHA, com *Os Sertões* (1902), inaugurou uma perspectiva única na literatura brasileira ao transformar um episódio histórico, a Guerra de Canudos, em uma obra multidimensional. Ele não apenas documentou a luta entre o Estado e os sertanejos, mas ofereceu um retrato profundo e contraditório do Brasil. Seu pioneirismo está na fusão de ciência, literatura e denúncia social, desafiando visões preconceituosas e humanizando os sertanejos, que ele exaltou como "fortes" e "titãs". Além disso, EUCLIDES atribuiu ao sertão uma importância simbólica, tornando-o um dos grandes "lugares de memória" da

¹JOSÉ PRUDÊNCIO SILVA é Analista de Sistemas, Infraestrutura, Operações, TI, TO, Observabilidade e Gerenciamento com mais de 48 anos de experiência na área de TI e comunicações, com experiências internacionais diversificadas. Expertise em projetos com metodologias ágeis, DevOps, segurança da informação, operações de TI, soluções de infraestrutura e datacenter para alta disponibilidade (on-premises/cloud-based), planejamento estratégico, orçamento, gestão de processos e controles. Adaptabilidade a diferentes culturas, tornando o ambiente propício à colaboração e produtividade.

cultura brasileira e da gente vinda de um Brasil distante igual a mim. Esses ensinamentos são a base da nossa empatia.

Ante a possibilidade de meu texto vir a ser lido isoladamente, preciso ressaltar que a trajetória de **LÍCIA SOARES DE SOUZA** exemplifica como uma história pessoal pode se expandir para um impacto global. Nascida em uma família simples, a 23 de abril de 1954, em Salvador, foi alfabetizada por sua mãe, dona MARIA DO CARMO SOARES DE SOUZA e, posteriormente, consolidou sua formação acadêmica em algumas das mais prestigiosas instituições do mundo. Seu percurso atravessou continentes, culturas e fronteiras, conectando o Alto Sertão e o litoral da Bahia às geleiras do Canadá e aos centros acadêmicos da Europa e das Américas.

Enquanto EUCLIDES traçou um caminho inaugural ao denunciar injustiças e celebrar os marginalizados, LÍCIA expande esse legado ao conectar *Os Sertões* com a produção cultural moderna, mostrando como o texto original dialoga com novas estéticas e interpretações. Ambos, em diferentes momentos, posicionaram o sertão como um núcleo de reflexão sobre identidade, exclusão e resistência no Brasil e eu, como sertanejo, fico profundamente sensibilizado com a história dela.

Desde os primeiros passos na Universidade Federal da Bahia (UFBA), LÍCIA destacou-se como uma aluna brilhante. Foi incentivada por mestres visionários como JACQUES SALAH e EDIVALDO BOAVENTURA que a introduziram à Semiótica. Sua formação prosseguiu no Canadá, onde completou seu doutorado na **Université du Québec en Montréal (UQAM)**.

Pós-doutorados na **Université Laval (Canadá)** e na **Universität Kassel (Alemanha)** trouxeram novas perspectivas para suas pesquisas, especialmente na aplicação da Semiótica à literatura, cinema e estudos culturais. Essas experiências ampliaram seu horizonte, transformando-a em uma referência internacional em temas como **literatura comparada, tradução intersemiótica, e americanidade**, até ser recentemente sagrada Emérita da Universidade da Bahia (UNEB).

Nesses tantos espaços, LÍCIA não apenas absorveu conhecimentos, mas também contribuiu para estabelecer um diálogo acadêmico entre o Brasil e o Canadá, consolidando a relação entre essas duas culturas, tornando-se ela própria o supprassumo de todo esse objeto conhecido, antes havendo recebido condecoração mais alta pelo Instituto Rio Branco, em razão de seus feitos extraordinários. Ela é tão pioneira quanto EUCLIDES DA CUNHA.

O encontro do local com o global

A genialidade de LÍCIA está na habilidade de conectar sua herança cultural baiana com cenários acadêmicos globais. Desde o **Núcleo de Estudos Canadenses (NEC)** na UNEB, fundado pela professora DENISE GURGEL LAVALLÉE, do qual foi cofundadora ao lado do professor EDSON MIRANDA, até a sua ativa participação na **ABECAN (Associação Brasileira de Estudos Canadenses)**, sua atuação trouxe reconhecimento internacional para o Brasil.

Além disso, LÍCIA demonstrou que a **americanidade**, conceito que ela ajudou a moldar, é uma perspectiva vibrante e dinâmica que desafia o eurocentrismo, promovendo a integração das Américas por meio da literatura e da cultura o que, inclusive, a aproximou de TAURINO ARAÚJO quando, em 12 de novembro de 2013, participaram com EMILIANO JOSÉ de badalado debate sobre a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), amplamente divulgado pelas mídias local e nacional.

Empatia conforme a arquipalavra realidade

Comendadora LICIA SOARES DE SOUZA, nem é preciso ser especialista para compreender a grandiosidade de sua obra que, inclusive confunde o pioneirismo de EUCLIDES DA CUNHA com o seu próprio, tendo em vista sua capacidade rara de transformar espaços e personagens em símbolos de resistência e transformação cultural, com os seus achados no sentido de incluir em sua magistral obra imigrantes e grupos marginalizados em ambientes urbanos contemporâneos, explorando como eles recriam suas identidades em contextos de hibridismo cultural, **inclusive sobre a atuação deles no mundo, como contarei um pouco a seguir.**

Os dois — LÍCIA e EUCLIDES — para mim, em muito, são inspirações que transcendem interpretações tradicionais e colocam o híbrido, o marginal e o transcultural no centro do discurso e, como bom sertanejo, eu me sinto bem representado nisso: a ressignificação das Américas como um espaço de múltiplas interações e possibilidades para chegarmos ao ápice da compreensão e práxis da dimensão maior de Civilização Brasileira, já plastificada na visão acurada de TAURINO ARAÚJO (2019): o Brasil da filosofia, das ciências e das artes, integrativo de todas as diversidades, “avanço forte, unindo o sertão e o cais”.

Quando a empatia impacta o meu fazer

Sigo testemunhando o impacto de LÍCIA nas minhas investigações de T.I. A canção de sir ELTON JOHN (*Rocket Man*) lembra um pouco as dores de quem anda pelo

mundo e deixa a casa, para prestar serviço longe, na LÍBIA, ANGOLA ou LIBÉRIA de JOSÉ PRUDENCIO SILVA, os lugares de LÍCIA SOARES DE SOUZA, enfim, *os Sertões* de EUCLIDES DA CUNHA:

She packed my bags last night, pre-flight
Zero hour, 9 a.m.
And I'm gonna be high as a kite by then
I miss the Earth so much,
I miss my wife
It's lonely out in space
On such a timeless flight
Mars ain't the kind of place to raise your kids
In fact, it's cold as hell
And there's no one there to raise them if you did
And all the science, I don't understand
It's just my job five days a week
A rocket man
A rocket man²

Licia, Eco, Barthes, Lotman e Peirce.

Desde criança venho lidando com signos e significados de forma consciente. Por volta dos 8 aos 9 anos, quando fiz meu primeiro transmissor de rádio em ondas curtas, era mais produtivo construir seguindo esquemas eletrônicos com transistores, bobinas, resistores e capacitores. Cada componente tem seu símbolo para representar no papel o circuito real, isso permite uma visão ampla do que acontece, de onde vem e para onde vão os pulsos, a energia. É como ver de forma abstrata algo que dificilmente seria inteligível diretamente. A eletrônica era, antes de tudo, uma diversão.

E assim também foi quando comecei com programação, desde o fluxograma ao código-fonte, uma representação simbólica, através de palavras e mnemônicos, do fluxo

²Uma possível tradução livre de *Rocket Man* seria mais ou menos assim:

Ela fez minhas malas ontem à noite, antes do voo,
zero hora, nove da manhã, estou pronto, vou.
e, então, estarei bem alto onde nem mesmo uma pipa pode alcançar:
sinto falta do planeta Terra, da minha esposa, do seu olhar.
Estou muito solitário no espaço, um silêncio cinco dias confinado:
um voo atemporal que agora, sou eu próprio, preso aqui.
Marte não é lugar para criar os seus filhos,
é frio como o inferno, vazio, sem brilhos.
E toda ciência do mundo... ah, essa, eu nem sempre consigo aplicar,
mas é só o meu trabalho, cinco dias para estar somente aqui, sem poder sair.
Sou o piloto do foguete,
o piloto do foguete sem poder sair daqui.
Sou um eco no vácuo, em mundos distantes,
minha missão é ampla, e os dias não saem daqui.
Mas eu sou o piloto do foguete,
e no espaço... sigo adiante.

lógico, da ordenação do pensamento tornado viável para interpretação e manutenção. Era final da década de 80 e a inteligência artificial era algo esfuziante, com regras de inferência, Prolog, Lisp e a eterna ameaça que a máquina dominaria o homem, afinal ARTHUR CLARKE e ISAAC ASIMOV estavam acertando muitas previsões. Pena que as máquinas da época não aguentavam uma carga sequer entusiástica de processamento, só *mainframes*, computadores de grande porte e custo, podiam fazer algo relevante nesta nova área.

O mundo da computação é tão intrincado e complexo que precisamos todo o tempo de uma linguagem de símbolos para facilitar a compreensão de conceitos, ideias e relatos por quem participa deste mundo. Tive a oportunidade de viver um universo de símbolos quando trabalhei com MARIO CRAVO JÚNIOR, o escultor, era seu arauto e *pathfinder* na área de computação gráfica, que ele preferiu chamar “Computação Plástica”. A Bahia, além de me dar régua e compasso digitais, me presenteou com o conhecimento e visão artística e filosófica de MÁRIO CRAVO, e de CRAVO NETO, seu filho e fotógrafo, em décadas de convivência e interação.

Nesse particular, LÍCIA nos ajuda a compreender o quê e o porquê do uso dos símbolos, significados e significantes. Muito mais e além do uso deste conhecimento no prosaico das atividades técnicas e construtivas, é uma verdadeira tecnologia das ciências humanas, percebemos assim, que a comunicação entre os humanos depende de um fluxo contínuo de significantes, e agora com a IA, mais do que nunca, estamos a um passo de sermos compreendidos diretamente por uma máquina de processamento massivo de inferências, cálculos e bancos de conhecimento, o que nos traz a forte impressão de que tenha arremedos de inteligência, pois que já entende palavras escritas e figuras.

O encontro com Taurino

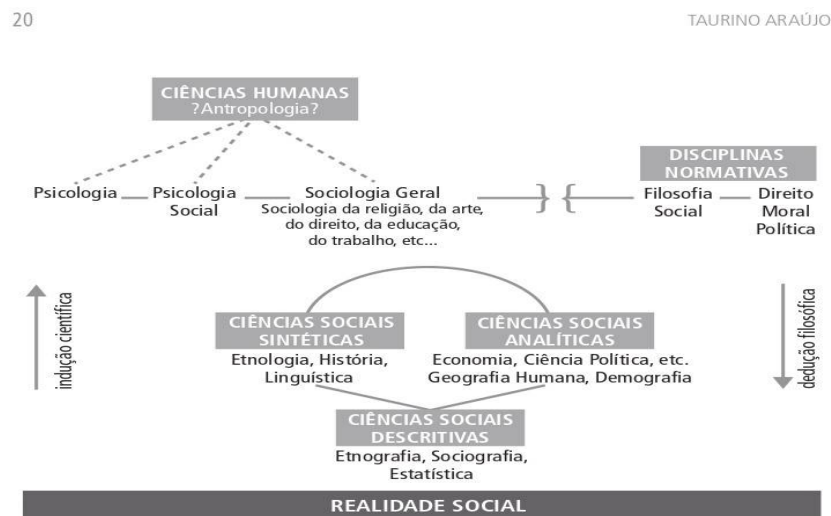
Ao mesmo tempo em que estamos progredindo na comunicação mais direta com as máquinas, através de uma espécie de linguagem pictográfica onde figuras são conectadas a palavras e símbolos, abstraindo a língua formal, seja português ou outra, me preocupa o empobrecimento do conjunto de padrões de comunicação entre os humanos, o que pode explicar o isolamento e as grandes involuções na harmonia entre povos, etnias, grupos e ideologias, sobretudo, num terreno desordenado por fraudes informáticas e das manipulações tornadas possíveis pela exploração dos prazeres e temores de cada um, num engendrado padrão de verossimilhanças que mistura algumas verdades com mentiras, para arregimentar corações e mentes, ou seja, mentira, que o vulgo passou a chamar de

forma *gourmetizada* como *fakenews*. Infelizmente, essa praga é uma velha tecnologia usada por “NÓS” e por “ELES” numa roupagem nova. Quando não é a mais pura mentira, é o uso de SCHOPENHAUER e sua dialética erística.

É quando vem LÍCIA e seu arcabouço tecnológico de alcance intelectual da comunicação para trazer um norte, uma possibilidade para a compreensão do que acontece entre a emissão e a decodificação do signo pela outra parte que, através de sua semiótica dos Signos em Transe, sob curadoria, organização e apresentação de TAURINO ARAÚJO é a protagonista nesse processo capaz de ação mais conforme a realidade, também no campo da Tecnologia da Informação, mais precisamente no que se refere ao campo do infradireito.

Um chamado à ação

A partir da *Hermenêutica da Desigualdade* de TAURINO ARAÚJO (2019), este artigo considera a semiótica de LÍCIA SOARES DE SOUZA um campo transdisciplinar, oferecendo modelos de análise da significação em um mundo marcado pela complexidade e pela superabundância de sons e imagens conforme. A abordagem se mostra indispensável para compreender o tema permeável da realidade social, alinhando-se ao diagrama de PIERRE JACCARD (1977):



A integração (com base na realidade social) dessas matrizes com os conceitos de TAURINO ARAÚJO (2019) amplia o escopo da análise semiótica, permitindo não apenas identificar fraudes cibernéticas, mas também criar estratégias para sua neutralização com

base no que o referido autor considera uma verdadeira guerra entre polícia, sociedade e crime organizado. Se aplicado às questões de fraudes informáticas, o diagrama reflete um movimento contínuo entre: **indução científica**: focada na coleta e descrição de dados concretos sobre fenômenos sociais, oferecendo uma base empírica para análises futuras desses dados; **dedução filosófica**: reflexão que transforma os dados em normas e princípios orientadores, impactando políticas públicas e decisões éticas quando do enfrentamento de futuros ataques.

No centro, as ciências descritivas, analíticas e sintéticas conectam esses dois polos, criando pontes entre observação empírica e reflexão normativa. Esse sistema, segundo TAURINO ARAÚJO, fornece uma base sólida para lidar com questões de segurança digital e *compliance*, especialmente em um contexto de conflitos entre polícia, cidadania e crime organizado, haja vista o impacto da insegurança digital em uma sociedade cada vez mais conectada. Nesse sentido, quando aplicada aos temas em que a Hermenêutica da Desigualdade de TAURINO ARAÚJO pode ser aplicada para combater essas narrativas enganosas. Este percurso combina:

- **Realidade**: identificação dos fatos no contexto social e digital;
- **Dogmática**: formulação de regras e diretrizes baseadas em princípios éticos;
- **Zetética**: questionamento crítico que permite refinar abordagens;
- **Dogmática (final)**: síntese em diretrizes concretas para políticas públicas.

Em outras palavras, retoma-se a definição de EDUARDO BOAVENTURA:

Saber elaborado para que a análise das sentenças judiciais e dos processos sociais, individuais e criativos parta do mapeamento o mais abrangente possível da realidade; depois, formule respostas provisórias com base na “lei” e no conhecimento; a seguir, formule perguntas e dúvidas apropriadas em face das respostas provisórias e, por último, estabeleça respostas definitivas dentro da aplicação de uma “lei” específica, tendo em vista realidade-dogmática-zetética-dogmática.

Trata-se, portanto, de compreender o conceito de **infradireito**, explorado na obra de LÍCIA SOARES DE SOUZA, sobre as práticas sociais que ocorrem à margem ou abaixo da normatividade formal do Direito, no mundo do crime organizado. Ele descreve comportamentos, acordos e formas de organização que não se enquadram nos parâmetros institucionais ou jurídicos convencionais, mas que desempenham papel fundamental na regulação das interações sociais nas semiosferas onde o direito não alcança seu núcleo para, através disso, ser mais capaz de interferir na realidade das guerras digitais.

Destarte, através da semiótica de LÍCIA SOARES DE SOUZA, no tocante ao emprego do infradireito, pude revisitar a memória da diversidade de significados dos símbolos, representados por falas, gestos e costumes, desde meu deslocamento entre regiões brasileiras, originalmente do Vale do Cariri, um oásis dentro do sertão, às outras regiões brasileiras. Foi muito reveladora a comparação quando, assim como a Comendadora, experimentei outras civilizações, seja na África de ANGOLA, LIBÉRIA, LÍBIA, o SAARA e sua diversidade muito mal escondida por sua infinita areia, afinal olhos famintos por compreender o mundo estavam enxergando os oásis, os povos, originários e achegados. E, para completar, o outro lado também tinha curiosidade em conhecer aquele integrante novo, e quando a curiosidade é maior que o medo, a comunicação e o saber acontecem. Ter descoberto que existem muitos ESTADOS UNIDOS e EUROPAS dentro de suas próprias fronteiras, através da literatura e, depois, quando por lá estive, foi alentador.

A título de conclusão

LÍCIA SOARES DE SOUZA, com suas contribuições multifacetadas, transformou-se em uma "menina que ganhou o mundo", um guia tanto na revisitação do passado quanto na construção de um futuro com mais impactos positivos em meu campo de investigação e em termos gerais.

LÍCIA é, portanto, notável pesquisadora que, com tanta técnica e visceralidade, a exemplo de EUCLIDES, vai ao lugar dos fatos, deixou a sua terra e foi buscar o mundo e, nesse visionário nomadismo tantas contribuições deu para a filosofia, as ciências e artes, tornando-se tema da curadoria, organização e a apresentação de TAURINO ARAÚJO, pioneira qual EUCLIDES DA CUNHA.

O mundo é circular, na minha visão, e também os saberes e muitas vezes, acontecimentos históricos. Eles se repetem, seja com novas roupagens de outra época, ou com o domínio de uma tecnologia, seja nova, ou renovada. Assim temos a ameaça à segurança digital, que se tenta insistentemente definir que é tão somente tecnologia, falo de *chips*, *hardware* e *software*, silício e metal, mas onde o fato gerador e o fruto de tudo isso é o ser humano, ou o tem como objetivo. Por isso, a solução não pode ser eminentemente coisificada, física, precisa envolver conhecimentos e tecnologias que abarquem a psique, os atributos inerentes ao humano.

A interseção de linguagens no meio digital — analisada no contexto de Matrizes da Linguagem, de LUCIA SANTAELLA (2001) — reforça a importância da semiótica como uma ferramenta para decodificar mensagens que exploram vulnerabilidades emocionais e cognitivas dos indivíduos.

A união entre os *insights* de LÍCIA SOARES DE SOUZA e a abordagem inovadora de TAURINO ARAÚJO têm a possibilidade de posicionar o Brasil como um protagonista na discussão sobre segurança digital e ética em tempos de transformação tecnológica. Ambos os autores, com suas contribuições, oferecem não apenas uma análise, mas também uma esperança de reconstrução e fortalecimento da Civilização Brasileira frente aos desafios contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Taurino. In: Signos em transe: uma fortuna crítica sobre a semiótica de Lícia Soares de Souza /Taurino Araújo: curadoria, organização e apresentação. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

ARAÚJO, Taurino. **Hermenêutica da desigualdade: uma introdução às ciências jurídicas e também sociais**. Belo Horizonte: Del Rey, 2019.

BOAVENTURA, Eduardo. **Poética na Hermenêutica da Desigualdade de Taurino Araújo**. Salvador, 2021. Disponível em: <https://osollo.com.br/wp-content/uploads/2023/06/POETICA-NA-HERMENEUTICA-DA-DESIGUALDADE-DE-TAURINO-ARAUJO-VERSAO-VERSALETE.-doc-1-1-1.pdf>

JACCARD, Pierre. **Introdução às Ciências Sociais**. Trad. Emílio Lima. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. Editora Iluminuras Ltda, 2001.

SOUZA, Licia Soares de. **Euclides da Cunha e o Bicentenário da Imprensa**. Revista da ANPOLL, v. 25. 2008

SOUZA, Licia Soares de. **“Canudos e “O Rei do Gado”, ecos de Intertextualidade”**. In: *Revista Canudos*, v.2, n. 2, Centro de Estudos Euclides da Cunha- UNEB, outubro de 1997, pp. 14-32.

SOUZA, Lícia Soares de. **O realismo pós-metafísico - uma sociedade de exclusão na literatura e no cinema brasileiros**. Feira de Santana: Editora UEFS, 2013.

SOUZA, Lícia Soares de. **Imaginaires transculturels entre le Canada et le Brésil**. Montréal: Société des écrivains, 2018.

SOUZA, Lícia Soares de. **A pragmática pós-metafísica - o infradireito na literatura e no cinema brasileiros**. Editora Appris, 2021.

Autor de **Hermenêutica da desigualdade: uma introdução às ciências jurídicas e também sociais** (Del Rey, 2019), jurista, advogado (UESC) e pensador brasileiro, Taurino Araújo é poeta, crítico literário, Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais. A sua *Magnum Opus* é considerada uma Epistemologia genuinamente brasileira, afora o conceito de verdade absoluta, 95 anos depois da Semana de Arte Moderna (1922). "Celebrando 40 anos de poesia [publicação prevista para 2025], TAURINO ARAÚJO apresenta uma obra com paisagens líricas que vão do átomo ao sertão e ao cosmo desafiando os limites da percepção com rigor filosófico e estético dignos de um semiólogo da alma. Maria Solange Alves de Souza Paula – CRB 5/342 Bibliotecária responsável: *Dançando no meio do inverno — 40 anos de poesia: poemas, sonetos e haikais*". Especialista em Gestão de Pessoas (PUC-RS), Planejamento Educacional (UNIVERSO-RJ) e História e Antropologia (SERRA GERAL-MG). Autor de **Se você quer subir, não aperte descer: a intuição motivacional do verdadeiro Maslow no case Taurino Araújo**, Instituto Memória: Curitiba: 2023, 2ª ed., atualizada. Condecorado pelo Estado da Bahia com a Comenda de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira – CBJM, a maior honraria do Estado. Publicou também **Signos em transe: uma Fortuna Crítica sobre a Semiótica de Lícia Soares de Souza**. ZL Books: Rio de Janeiro: 2025 — curadoria, organização e apresentação, com outros 61 autores:

1. **ADRIANO SAMPAIO — p. 450**
2. **A. L. CALMON TEIXEIRA — p. 99**
3. **ALANA FREITAS EL FAHL — p. 459**
4. **BERNADETTE PORTO — p. 329**
5. **BERNARD ANDRÈS — p. 120**
6. **BERTHOLD ZILLY — p. 351**
7. **BERTRAND GERVAIS — p. 379**
8. **BRIGITTE THIÉRION — p. 163**
9. **CACAU NOVAES — p. 245**
10. **CÁSSIO ARAGÃO — p. 438**
11. **CATHERINE MAVRIKAKIS — p. 214**

12. **CLAIRE VARIN — p. 116**
13. **CLAUDIO NOVAES — p. 132**
14. **CYRO DE MATTOS— quarta capa**
15. **DANIEL GUÉNETTE — p. 253**
16. **DANILO HERRERA— p. 456**
17. **DENISE DIAS— p. 321**
18. **ELEONOR CORREIA— p. 345**
19. **ELISABETH AMORIM— p. 393**
20. **EMILIANO JOSÉ— p. 305**
21. **EURÍDICE FIGUEIREDO— p. 144**
22. **FABRICE GALVEZ— p. 109**
23. **FERNAND HARVEY— p. 171**
24. **HUMBERTO DE OLIVEIRA— p. 332**
25. **ISAAC BAZIÈ— p. 218**
26. **JEAN FISETTE— p. 64**
27. **JEAN-FRANÇOIS CÔTÉ— p. 204**
28. **JEAN MORISSET— p. 290**
29. **JEAN-PIERRE PELLETIER— p. 259**
30. **JOSÉ PRUDENCIO SILVA— p. 405**
31. **JUAN IGNACIO AZPEITIA— p. 372**
32. **LEONOR ABREU— p. 146**
33. **LIDIANE PINHEIRO— p. 359**
34. **LOUISE DUPRÉ— p. 249**
35. **LUCILA MOREIRA— p. 237**
36. **LUCIANO TOSTA— p. 299**
37. **LUIZ EUDES— p. 74**
38. **MARIA ANTÔNIA COUTINHO — p. 268**
39. **MARIA DE FÁTIMA BERENICE— p. 277**
40. **MAURIZIO GATTI— p. 135**
41. **MAYSA MIRANDA— p. 314**

42. **NAIARA NEGREIROS— p. 469**
43. **NELSON KILPP— p. 446**
44. **NÚBIA HANCIAU— p. 124**
45. **PATRICK IMBERT— p. 185**
46. **PEDRO BARBOZA— p. 385**
47. **RACHEL BOUVET— p. 367**
48. **RICARDO JUSTO— p. 89**
49. **ROBERTO CHIARICHI— p. 59**
50. **RITA OLIVIERI-GODET— p. 154**
51. **RONALDO AUAD— p. 49**
52. **RUBELISE CUNHA— p. 154**
53. **RUY AGUIAR DIAS— p. 422**
54. **SÉRGIO CERQUEDA— p. 227**
55. **SÉRGIO LEVEMFOUS— p. 222**
56. **SÔNIA MOTA— p. 446**
57. **SUÊNIO LUCENA— p. 430**
58. **SYLVANO SANTINI— p. 84**
59. **TAMAR BARBAKADZE— p. 218**
60. **TAURINO ARAÚJO — pp. 3 e 421**
61. **WINFRIED NÖTH— p. 32**
62. **ZILÁ BERND— p. 138**